

O ARGUMENTO DA ALMA-HARMONIA NO *FÉDON* DE PLATÃO

Renan Soares Esteves*

Pedro Henrique Araújo Santiago*

Resumo: O diálogo de Platão, chamado *Fédon*, conclui a tetralogia dos diálogos platônicos acerca do julgamento e da morte de Sócrates. Neste diálogo, o tema central é a discussão acerca da imortalidade da alma, sendo propostos quatro argumentos em sua defesa. O objetivo do presente trabalho consiste em apresentar, em detalhe, uma objeção colocada pelo personagem Símias ao terceiro argumento apresentado por Sócrates. Esta objeção ficou conhecida como o *Argumento da Alma-Harmonia*. Inicialmente, são expostas temáticas presentes no referido diálogo, como a relação do filósofo com a morte e os três argumentos iniciais a favor da imortalidade da alma. Em seguida, é feita a análise da referida objeção, tendo como base os comentários de Ricardo Salles (2017).

Palavras-chave: Platão. Fédon. Imortalidade da alma. Argumento da Alma-Harmonia.

THE SOUL-HARMONY ARGUMENT IN THE PLATO'S *PHAEDO*

Abstract: Plato's dialogue called *Phaedo* concludes the tetralogy of platonic dialogues about the trial and death of Socrates. In this dialogue, the central theme is a debate about the immortality of the soul, being proposed four arguments in favour of this metaphysical thesis. The present paper consists in presenting, in detail, an objection evolved by the character Simmias against the third argument showed by Socrates. This objection became known as the *Harmony-Soul Argument*. First, we expose present themes in this dialogue, such as the philosopher's relationship with death and the first three arguments in favour of the immortality of the soul. Then, we deal with Simmias's objection, using the comments of Ricardo Salles (2017).

Keywords: Plato. Phaedo. Immortality of the soul. Harmony-Soul Argument.

1. Introdução

* Graduado em Filosofia/ Licenciatura pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação da mesma instituição na linha de Filosofia da Linguagem e do Conhecimento. Bolsista/ CAPES. Membro do Grupo de Estudos Filosofia, Metafísica e Cognição da UFC. Tem interesse nas áreas de Lógica, Filosofia da Ciência, Filosofia da Mente e Ética Aplicada. E-mail: renan.soares.e@gmail.com.

* Graduado em Filosofia/ Licenciatura pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC) na linha de Filosofia da Linguagem e do Conhecimento. Bolsista/CAPES. Membro do Grupo de Estudos Platônicos da UFC. Tem interesse na área de Filosofia Antiga, com ênfase em Ontologia, Epistemologia e Linguagem. E-mail: pedro_010994@hotmail.com.

O *Fédon* é amplamente considerado como uma obra-prima da literatura grega antiga. Esse diálogo de Platão representa o último episódio da tetralogia que retrata o julgamento e a morte de Sócrates. Nele, são apresentados os eventos e as conversas que ocorreram no dia em que Sócrates foi condenado à morte pelo Estado de Atenas. Na referida série de diálogos, o primeiro, chamado *Êutifron*, retrata Sócrates em uma discussão fora do tribunal, no qual seria processado por acusações de impiedade e corrupção da juventude; o segundo, a *Apologia de Sócrates*, descreve sua defesa perante o júri ateniense; e o terceiro, o *Críton*, descreve uma conversa durante a sua estadia na prisão. Após estes, o *Fédon* encerra a exposição deste acontecimento, descrevendo os momentos na cela da prisão que levaram à morte de Sócrates por envenenamento através de cicuta.

A temática central desta obra é a imortalidade da alma, a qual é defendida por meio de quatro argumentos. Diante disso, o objetivo do presente trabalho consiste em expor, de modo preciso, uma objeção direcionada pelo personagem Símiias a um desses argumentos. Tal objeção ficou conhecida como o *Argumento da Alma-Harmonia*. Antes de abordar a referida objeção, serão expostas algumas partes do *Fédon*, que estão direta ou indiretamente relacionadas à sua temática central acerca da imortalidade da alma.

2. A relação entre o filósofo e a morte

O referido diálogo é iniciado com uma conversa entre os personagens Equécrates e *Fédon* (57a-60a). A partir daí, Equécrates pergunta como foram os momentos finais de Sócrates na prisão, e Fédon – que estava presente no dia da execução de Sócrates – passa a contar como tudo acontecera, destacando que estavam presentes vários amigos de Sócrates e que o filósofo encarou sua morte com tranquilidade e nobreza.

Os amigos de Sócrates foram informados de que ele seria executado após o retorno do navio de Delos, já que, segundo a tradição, não era permitido realizar execuções enquanto a embarcação não regressasse para Atenas (*Phd*, 58a-c; 59d-e). Chegando à prisão, eles ouviram de Sócrates uma reflexão sobre a associação entre o prazer e a dor, na qual o filósofo lhes narrava que ambos não podem estar presentes

simultaneamente num mesmo homem, mas, se alguém alcançar algum deles, é quase certo que acabe por alcançar o outro (*Phd*, 60a-b).

Após essa reflexão, Sócrates passa a expor a razão que o levou a se dedicar à poesia na prisão, a saber, um sonho repetido em que lhe prescreviam praticar a arte das Musas (a poesia). Tendo explicado a razão de sua atividade poética, Sócrates diz a Cebes, um dos estrangeiros presentes, que transmita a Eveno o conselho de seguir o seu exemplo, caso aquele homem seja sábio de fato, pois, repetidas vezes, o filósofo foi advertido nos seus sonhos a se dedicar ao exercício da composição de músicas, e a filosofia, nessa altura da argumentação, é tida como a composição da mais *alta música* (*μεγίστης μουσικῆς*) (*Phd*, 60d-61c).

Diante disso, Cebes passa a questionar Sócrates sobre se é lícito ou não pôr fim à própria vida (*Phd*, 61d-63e). Em resposta, o Mestre de Platão afirma que há uma doutrina propalada nos Mistérios, segundo a qual, nós estamos como que num cárcere, donde ninguém deve se libertar ou se evadir. Ainda, segundo o Mistério, os deuses velam por nós e nós lhes pertencemos, de modo que não é lícito que um homem, por si mesmo, ponha fim à própria vida.

Por outro lado, Sócrates define a filosofia como uma preparação para a morte (*Phd*, 64a). Para explicitar tal afirmação, o Mestre de Platão a define como a separação da alma e do corpo. Símiias, outro estrangeiro que também dialoga com Sócrates, concorda com essa opinião e também com a de que os filósofos não se entregam de todo à satisfação dos prazeres, como a comida, a bebida e os desejos sensuais. Do mesmo modo, é considerado por Sócrates, e concordado por Símiias, que os filósofos não dão grande apreço às demasias corporais, como roupas e calçados luxuosos, etc. Ambos concordam que os interesses dos praticantes da filosofia nada tem a ver com o corpo e que, pelo contrário, a ele renunciam até onde lhe for possível, para se concentrar sobre a alma. Consideram ainda que o corpo é um obstáculo na busca pela sabedoria, pois os sentidos são falíveis e inseguros. Assim, Sócrates conclui que ou a aquisição da sabedoria não existe, ou apenas se concretiza após a morte, precisamente quando a alma existir em si e por si. Para Sócrates, por se empenharem em libertar a alma do corpo, os filósofos se exercitam em morrer, sendo a sabedoria, por eles buscada, alcançada plenamente quando se finda a vida terrena (*Phd*, 64a-67b).

2. Argumentos a favor da imortalidade da alma

Depois da defesa de Sócrates em relação sua atitude diante da condenação a beber cicuta, Cebes o questiona quanto à subsistência da alma após a morte, perguntando sobre o que garante que a alma, ao separar-se do corpo, não fica destruída e aniquilada (*Phd*, 70a). Neste momento, o diálogo passa a estar em função da defesa de Sócrates acerca da imortalidade da alma. Esta defesa é desenvolvida por meio de quatro argumentos. A seguir, são apresentados os três argumentos iniciais a favor da imortalidade da alma, com destaque para uma das objeções direcionadas ao terceiro.

2.1. O Argumento Cíclico

Como introdução para o seu primeiro argumento, Sócrates aborda uma antiga doutrina, segundo a qual as almas dos que morrem vão para o Hades e de lá regressam novamente para a vida terrena, renascendo dos mortos (*Phd*, 70c-d). Diante disso, Sócrates passa a defender a ideia de que os seres vivos provêm dos mortos.

Inicialmente, Sócrates considera que tudo que existe em relação de oposição se origina necessariamente a partir de seu contrário e apenas dele (*Phd*, 70d-71b). Por exemplo, quando um objeto se torna maior, isto acontece em função de um anterior estado de pequenez que depois que se tornou um estado de grandeza. Desse modo, Sócrates conclui que todo ato de geração se processa dos contrários para os contrários. Em seguida, Sócrates afirma que em cada par de opostos há, entre um e outro, dois correspondentes processos de geração – do primeiro ao segundo e, inversamente, deste último ao primeiro. Assim, por exemplo, entre o estado de grandeza e o estado de pequenez está o crescimento e a diminuição.

Após realizar as considerações acima, Sócrates continua sua argumentação, propondo que o contrário de ‘estar vivo’ é ‘estar morto’, de modo que, aplicando-se o princípio da geração, introduzido anteriormente, ambos geram-se reciprocamente e, visto serem em número de dois, são também dois os processos de geração que entre um e outro se verificam: o morrer e o reviver (*Phd*, 71c). Ademais, Sócrates acredita que se os contrários não se compensassem mutuamente por uma constante alternância de

gerações, como que numa sucessão circular, então todas as coisas acabariam por se sujeitarem a um mesmo estado e seria o fim da geração.

Mediante as proposições apresentadas, Sócrates conclui, juntamente com Cebes, que os seres vivos procedem dos mortos, tal como os mortos procedem dos vivos (*Phd*, 72a). Nesse sentido, as almas dos mortos subsistem em algum lugar de onde voltam para renascer. Do mesmo modo, conclui-se também que tudo que morre retorna à vida novamente.

2.2. O Argumento da Reminiscência

Após ter chegado com Sócrates às conclusões do primeiro argumento, Cebes salienta que a imortalidade da alma, também, está de acordo com a Teoria da Reminiscência, segundo a qual aprender não é senão um recordar (*Phd*, 72e). Segundo esta teoria, é indispensável que tenhamos adquirido, anteriormente ao nosso nascimento, os conhecimentos que atualmente recordamos. Tal não seria possível se a nossa alma não existisse já antes de encarnar nesta forma humana. É por essa razão, que o filósofo advoga a favor da imortalidade da alma (*Phd*, 73a).

Entretanto, Símiias exige uma prova para a imortalidade da alma. Diante desta solicitação, Sócrates desenvolve outra linha de raciocínio, tendo como referencial a reminiscência. De início, Sócrates afirma a crença na existência do Igual em si mesmo, a qual Símiias também aceita. Na sequência, o Mestre de Platão ressalta que este conhecimento que temos da igualdade não foi adquirido pelos sentidos, sendo de uma realidade distinta daquela dos objetos concretos (*Phd*, 74a-77a). A partir disso, segue-se que antes de nos utilizarmos dos sentidos, teríamos um conhecimento prévio do Igual em si, já que sem ele não seria possível tomá-lo como ponto de referência das realidades sensoriais que lhe são semelhantes, mas lhe são inferiores. Desse modo, tal conhecimento foi adquirido antes de nascermos. Assim, Sócrates conclui que as nossas almas já existiam antes de encarnar em uma forma humana, independentemente de um corpo.

Tendo Sócrates concluído a sua demonstração, Símiias concorda com a conclusão acerca da existência da alma antes do nascimento. Contudo, Símiias ressalta

que não ficou demonstrado que a alma subsiste também após a morte (*Phd*, 77b). Dessa forma, permanece a dúvida sobre o que garante que a alma não cesse de existir após a morte humana.

2.3. O Argumento das Afinidades

Devido à ineficácia de seu segundo argumento, Sócrates passa a desenvolver um terceiro, o qual ficou conhecido como o *Argumento das Afinidades*¹⁸⁰ (*Phd*, 78c-80e). Inicialmente, Sócrates supõe que existem duas espécies de realidade: uma visível e outra invisível. As realidades visíveis jamais se mantêm idênticas a si mesmas, sendo aquelas que apreendemos pelos sentidos. Por outro lado, as realidades invisíveis se mantêm constantes e idênticas a si mesmas, jamais comportando qualquer tipo de variação, sendo captadas pelo raciocínio e pela inteligência, já que se trata de coisas invisíveis que os nossos sentidos não captam.

Em seguida, Sócrates considera que há duas coisas distintas no homem: o corpo e a alma. O corpo se assemelha mais à espécie de realidade visível. Por sua vez, a alma se parece mais à realidade invisível. Em outros termos, Sócrates compara a alma com o que é divino, imortal e inteligível, ao passo que possui uma forma e é indissociável; e, em sentido contrário, compara o corpo com o que é humano, mortal e não inteligível, isto é, ao que se apresenta de múltiplas maneiras e está sujeito à dissolução (*Phd*, 78c-80e).

Dadas estas considerações, Sócrates defende que a alma que se desprende do corpo, em estado de pureza, sem levar agarrada consigo nada do que é corpóreo e, que, ao longo da vida, afastou-se ao máximo da relação com o corpo, através da prática da filosofia, vai se reunir com o que lhe é semelhante, ou seja, com tudo aquilo que é imortal, divino e sábio. Assim, o filósofo acredita que, após a morte, o corpo se

¹⁸⁰ Apolloni (1996) ressalta que o referido argumento não recebeu muita simpatia por parte dos comentadores de Platão, sendo considerado universalmente como o mais fraco dos argumentos do filósofo em defesa da imortalidade da alma. Por outro lado, Barros (2018) considera que, se a ideia de ‘semelhança’, presente no referido argumento, equivale a ‘ter características em comum’, mesmo que a alma e o que é invisível possuam em comum a invisibilidade, isto não é suficiente para concluir que a alma é mais semelhante ao que é invisível (‘Formas’) do o que é corpóreo. Ainda que a alma seja invisível, isto não estabelece necessariamente a sua imutabilidade: ela continua passível à mudança, que no contexto do argumento inclui destruição.

corrompe e a alma vai para outro mundo que, igualmente a ela, é nobre, puro e invisível (*Phd*, 78c-80e).

2.3.1. O Argumento da Alma-Harmonia

Após um longo silêncio, Sócrates fala a Símiias e a Cebes que não se preocupassem caso faltasse algum ponto a ser tratado a respeito do Argumento das Afinidades que pudesse abrir margem a possíveis questionamentos. Mediante este imperativo socrático, o filósofo cede a palavra a Símiias para que ele exponha uma alternativa ao seu último argumento. Para Símiias, o referido argumento, invocado por Sócrates, poderia ser aplicado tanto a uma harmonia, quanto a uma lira e as suas cordas. Pode-se dizer que a harmonia da lira é o elemento invisível, incorpóreo, isto é, algo belo e divino. Por outro lado, o instrumento musical lira com suas respectivas cordas podem ser considerados uma coisa sensível, corpórea, aparentado ao que é de natureza mortal (*Phd*, 84c-86d)

Posto isso, Símiias acredita que, mesmo a lira sendo quebrada, a sua harmonia não seria destruída, recorrendo, assim, a uma argumentação tal como a de Sócrates, na medida em que conclui que, uma vez despedaçada a lira e rebentada as suas cordas, ou seja, mesmo que apodreça os seus elementos mortais, como a madeira usada para fabricá-la, a harmonia, o elemento aparentado ao que é divino e ao que é imortal, subsistiria em algum lugar (*Phd*, 84c-86d).

Tendo feito esta consideração, Símiias apresenta a sua concepção de alma, a qual parte do princípio de que o nosso corpo é uma tensão e coesão de elementos, sendo a alma concebida, enquanto uma mistura e uma harmonia deles. Assim, se a alma é uma espécie de harmonia, então quando o nosso corpo se estende em excesso, por efeito de doenças ou quaisquer outros males, a alma fica aniquilada, análoga à harmonia musical, que cessa de existir quando a lira e suas cordas são destruídas. Desse modo, a alma seria aniquilada com a morte, na medida em que é uma combinação de elementos do corpo (*Phd*, 86b-d).

Para Salles (2017, p. 223), a ideia central da teoria da alma proposta por Símiias é que quando a harmonia dos elementos (calor e o frio ou seco e o úmido) se estabelece

em nosso corpo, o seu volume é afetado. Consequentemente, em função desta mudança, o corpo, de certo modo, torna-se tenso, e, em decorrência desta tensão, ele passa a ser animado, evidenciando possuir poderes concernentes à alma. Nessa perspectiva, segundo o intérprete (*Phd*, 86b-d), a posse destes poderes está relacionada à composição material do corpo graças à tripla conexão¹⁸¹ referida nas seguintes teses:

(1) Nossos poderes psíquicos, e especialmente a inteligência, dependem da tensão física de um corpo (...); (2) a tensão deste corpo é aumentada ou diminuída através de sua expansão ou de sua contração física; e (3) a expansão ou contração do corpo, as quais são responsáveis pela sua tensão, são o resultado de uma mudança em sua composição material¹⁸². (SALLES, 2017, p. 222)

O comentador destaca ainda que a teoria de Símiias é introduzida no *Fédon* em resposta ao Argumento das Afinidades, na medida em que Sócrates afirma que a alma possui atributos que são normalmente encontrados em substâncias imortais, isto é, nas Formas. Assim, como é proposto neste argumento, deve haver uma semelhança entre a alma e estas tais substâncias. À vista disso, Sócrates argumenta que, dada esta semelhança, a alma também deve ser imortal (*Phd*, 78c-80e).

De acordo com Salles, a objeção de Símiias propõe que alguns dos atributos que a alma tem em comum com as Formas como o caráter divino, por exemplo, poderiam ser encontrados também em coisas mortais. Por essa razão, o simples fato de a alma compartilhar alguns atributos com as substâncias imortais não implica, por si mesmo, que ela compartilhe necessariamente o atributo da imortalidade.

Sendo assim, Símiias introduz a sua própria teoria da alma no decorrer desta objeção. Para o nosso intérprete, a sua função é ilustrar, através de um exemplo, como os atributos que a alma tem em comum com as Formas podem também ser encontrados em substâncias mortais. O exemplo oferecido por Símiias é de uma lira harmonizada. A harmonização da lira é considerada como divina. Este é um atributo que tanto a alma como as Formas possuem, mas ainda assim a harmonização pode ser destruída. Símiias, contudo, não argumenta apenas que o caráter divino é compatível com a mortalidade.

¹⁸¹ A conexão entre os poderes psíquicos e a tensão corpórea; a conexão entre a tensão corpórea e o volume; e conexão entre o volume e a composição material.

¹⁸² Tradução nossa.

Ele também afirma que a alma é realmente mortal na medida em que ela é uma harmonização (harmonia) do corpo.

Salles ressalta ainda que foi apontado por comentadores modernos que o termo ‘harmonia’ não é usado aqui para denotar um som melodioso, mas para se referir ao estado da lira no qual esta pode produzir certo som. Em outras palavras, as condições materiais deste instrumental musical, como a qualidade da madeira e a afinação das cordas, que lhe permitem emitir determinadas melodias. Nesse sentido, a ideia de que a alma é uma harmonia do corpo, da mesma forma como certo estado da lira é uma harmonia da lira, implica fortemente, por analogia, que, na teoria de Símiias, a alma é um estado do corpo. Esse estado do corpo, por sua vez, ocorre quando ele está tenso de certa forma, graças a uma proporção de sua composição material. Desse modo, se a alma é um estado de harmonia e se esse estado é mortal e destrutível, já que uma mudança na composição material do corpo pode suprimi-lo, então a alma é mortal.

2.3.2. A réplica de Sócrates à objeção de Símiias

Antes de iniciar a sua resposta ao Argumento da Alma-Harmonia, Sócrates questiona se Símiias e Cebes concordam com ele acerca da verdade da Teoria da Reminiscência, bem como com a consequente existência necessária das almas antes de se prenderem a um corpo. Tanto Símiias como Cebes concordam com a referida teoria e a consequência desta sobre a anterioridade da existência das almas. Nesse contexto, Sócrates observa que a teoria de Símiias, segundo a qual a nossa alma é uma harmonia resultante de elementos do corpo em tensão, não é compatível com a ideia de que a alma possa ter existido antes desses elementos que a deveriam constituir. Assim, não se pode afirmar que a alma é algo composto, se ela já existia antes das suas partes. Diante disso, Símiias concorda com essa inconsistência, preferindo a Teoria da Reminiscência à teoria da alma proposta por ele anteriormente (*Phd*, 92c-d).

Em seguida, Sócrates desenvolve duas respostas à objeção de Símiias. Em primeiro lugar, o Mestre de Platão propõe que uma alma não pode ser mais plena e perfeitamente alma, ou menos, do que outra. Do mesmo modo, Sócrates retrata que uma alma que possui virtude é considerada como boa, enquanto que uma alma que possui

perversidade é considerada como má. Acerca disso, os defensores da Teoria da Alma-Harmonia considerariam a virtude como uma harmonia e o vício como uma desarmonia. Após tais considerações, Sócrates conclui que jamais uma alma, como harmonia que é, terá alguma relação com o vício, já que nenhuma harmonia que o seja de modo pleno poderá ter alguma relação com a desarmonia (*Phd*, 93b-94a). Desse modo, seguindo-se este raciocínio, a conclusão definitiva é a de que as almas de todos os seres vivos são igualmente boas.

Por outro lado, Sócrates considera também que uma harmonia, bem como qualquer outro composto, não se comporta de modo diverso dos elementos que a constituem. Nesse sentido, não é função da harmonia assumir o comando desses elementos, mas, em sentido contrário, apenas segui-los. Nesse contexto, se a alma fosse uma harmonia, ela se limitaria a seguir os elementos dos quais seria constituída. Contudo, Sócrates afirma que a alma, em especial a alma inteligente, comanda o corpo, já que, em diversos casos¹⁸³, verifica-se que a alma se opõe aos apetites do corpo (*Phd*, 92e-93a; 94b-95a). Dado isto, a teoria proposta por Símiias, segundo a qual a alma é uma harmonia, não se sustenta.

Diante da réplica de Sócrates, Símiias reconhece os limites da teoria que havia proposto anteriormente e, por fim, acaba por abandoná-la.

3. Considerações finais

O diálogo *Fédon*, bem como outros diálogos platônicos, retrata um componente característico da prática filosófica: a argumentação. Percebemos, ao longo da referida obra, o esforço empreendido na busca por fornecer argumentos a favor de uma tese – a imortalidade da alma –, os quais acabam por receber críticas dos interlocutores de Sócrates.

¹⁸³ Nesta passagem do diálogo, Sócrates cita um trecho da *Odisseia* de Homero em que o personagem Ulisses busca controlar o que está a sentir: “Batendo no peito interpelou com violência o seu coração: ‘Aguenta, pois, meu coração! Por males mais terríveis já tu outrora passaste!’” (*Phd*, 94d). Com isso, Sócrates quer reforçar seu contra-argumento, mostrando que o poeta Homero concebe a alma como algo bem mais divino do que uma harmonia.

O Argumento da Alma-Harmonia, inserido por Símias, como crítica ao Argumento das Afinidades, traz consigo uma visão materialista da alma, pois a considera como um composto de elementos materiais que a constituiriam. Contudo, o argumento de Símias não se sustenta, já que este aceita a Teoria da Reminiscência, a qual implica que a alma já existiria antes de estar relacionada a um corpo, sendo, portanto, imaterial.

Por outro lado, caso Símias não estivesse de acordo com a Teoria da Reminiscência, será que, ainda assim, este seria obrigado a abandonar a sua teoria da alma como harmonia? Por um lado, Símias poderia não ter aceitado que a virtude pode ser considerada como uma harmonia e o vício como uma desarmonia, já que, segundo a sua teoria, a alma é uma harmonia, mesmo sendo virtuosa ou não. Nesse sentido, o vício e a virtude são dois estados da alma em harmonia com os elementos que a constituem. A partir desta perspectiva, Sócrates não poderia ter chegado à conclusão inaceitável de que todas as almas são boas. Além disso, Símias poderia afirmar, de modo contrário a Sócrates, que a alma não comanda o corpo, pois ela é constituída pelos seus elementos corporais e, por isso, é-lhes submissa. Dessa forma, quando pensamos que a alma está comandando o corpo, na verdade, estamos iludidos, estando apenas a aplicar uma concepção metafísica que separa a alma dos impulsos, desejos ou emoções provenientes dos elementos que a constituem.

Referências bibliográficas:

APOLLONI, David. Plato's Affinity Argument for the Immortality of the Soul. *Journal of the History of Philosophy*, Vol. 34, Number 1, pp. 5-32, 1996.

BARROS, Francisco de Assis Nogueira. *Fédon de Platão: Argumentos sobre a Imortalidade da Alma e Tradução Parcial* / Francisco de Assis Nogueira Barros; orientador Daniel Rossi Nunes Lopes. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. – São Paulo, 2018.

ELTON, Matthew. The Role of the Affinity Argument in the Phaedo. *Phronesis*, Vol. 42, Issue 3, Leiden, 1997.

PLATÃO, *Fédon* / introdução, versão do grego e notas de Maria Teresa Schiappa de Azevedo, Livraria Minerva, Coimbra, 1988.

SALLES, Ricardo. Soul as Harmony in Phaedo 85e–86d and Stoic Pneumatic Theory. In: HARTE, V. & WOOLF, R. *Rereading ancient philosophy: Old Chestnuts and Sacred Cows*. New York: Cambridge University Press, 2017.